

# Sumário

*Apresentação: Desafios políticos, sociais e teológicos que o islã impõe  
ao Ocidente e aos cristãos*, Franklin Ferreira ..... 7

## PRIMEIRA PARTE

### Islã: uma introdução

---

1. O que significa “islã”? ..... 21  
2. O surgimento do islã ..... 25  
3. Fontes do islã: o Alcorão e a tradição ..... 37  
4. Os ensinamentos do islã ..... 45  
5. Diferentes escolas de pensamento no islã ..... 59  
6. Islã: cultura e sociedade, política, sistema legal e a fé cristã..... 69

## SEGUNDA PARTE

### A visão muçulmana dos principais ensinamentos cristãos

---

7. Comparação do Alcorão com a Bíblia ..... 89  
8. Alá, Deus de amor? A imagem de Deus no Alcorão ..... 97  
9. A queda do homem e a redenção da humanidade:  
o que ensina o Alcorão ..... 107  
10. Pecado, arrependimento e perdão no islã ..... 117  
11. Fé e salvação no islã ..... 125  
12. A oração cristã e a oração muçulmana: uma comparação ..... 133  
13. Abraão no Alcorão ..... 141  
14. “Jesus aos olhos do islã” ..... 147  
15. O Alcorão e a Trindade ..... 171  
16. Apostasia no islã: pena de morte nesta vida,  
fogo do inferno no porvir ..... 177

Excurso: A influência da alta crítica europeia sobre  
a apologética muçulmana no século 19 ..... 189

### TERCEIRA PARTE

#### A charia: lei e ordem no islã

17. O que é charia? Uma introdução .....	209
18. Principais conteúdos da charia.....	227
19. A charia na Europa.....	249

### QUARTA PARTE

#### Islã e sociedade: a lei da charia, a *jihad* e a mulher no islã

20. O desafio da imigração muçulmana na Europa .....	267
21. O desafio do islã .....	279
22. O multicultural chegou ao fim? .....	287
23. Islã: religião de paz? .....	305
24. Como os muçulmanos veem os cristãos.....	315
25. A “missão” islâmica ( <i>da’wa</i> ) .....	327
26. Fundamentos da lei e da jurisprudência islâmicas .....	335
27. A importância da tradição islâmica .....	345
28. As mulheres no islã.....	351
29. O “islã” não é uma coisa só: comparação entre o islã sunita e o xiita.....	367
30. Suicídio, martírio e <i>jihad</i> .....	373
31. Assassinatos em nome da honra e conceitos de honra.....	381

### QUINTA PARTE

#### Islã político: quando a fé se revela política

32. O que significa islamismo ou islã político? .....	395
33. Origens do islã político.....	409
34. Que possíveis soluções poderiam desmantelar o islã político? .....	443
<i>Bibliografia</i> .....	455

# Apresentação

## Desafios políticos, sociais e teológicos que o islã impõe ao Ocidente e aos cristãos

A enorme onda de refugiados e imigrantes que têm chegado à Europa em 2015 e 2016, provenientes de países muçulmanos, está produzindo tensões e descontentamento nas populações dos países europeus. O medo da islamização da Europa não é apenas motivo de manifestações de rua, mas também alvo de discussão inflamada nos meios de comunicação e entre eruditos e ensaístas.<sup>1</sup>

Diante desse fenômeno, que aponta para imensas mudanças políticas, sociais e religiosas especialmente na Europa, mas com reflexos em outros continentes, não custa lembrar que o islã e o cristianismo, desde o começo da Idade Média, se perceberam como crenças rivais.

Essa animosidade teve início no século 7, quando exércitos islâmicos oriundos do Norte da África conquistaram a Península Ibérica e estabeleceram na região uma província ligada ao Califado Omíada, cuja capital ficava em Damasco, na Síria. Ao tentar atravessar os Pireneus, o exército mouro foi derrotado em Poitiers, em 732, pelo exército do Reino Franco, liderado por Carlos Martel. E, no século seguinte, os cristãos ibéricos começaram a recuperar as terras perdidas para os invasores árabes — processo que somente se encerrou em 1492, com a conquista do reino muçulmano de Granada pelos reis cristãos.

A rivalidade exacerbou-se a partir do século 11 com as ações militares cristãs conhecidas como Cruzadas, que tinham por finalidade reagir à tomada da

<sup>1</sup>Cf., por exemplo, o provocador artigo de Arturo Pérez-Reverte, “Llegan los godos al imperio vencido”, publicado em *La Nación* e disponível em: <http://blogs.periodistadigital.com/totalitarismo.php/2015/09/25/llegan-los-godos-al-imperio-vencido-artu>. Para duas impactantes ficções sobre o tema da islamização da Europa, cf. Max Gallo, *Os fanáticos* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010), e Michel Houellebecq, *Submissão* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2015). Cf. também o premonitório Samuel P. Huntington, *Choque de civilizações* (Rio de Janeiro: Objetiva, 1997).

Terra Santa pelos exércitos turcos seljúcidas. Salvo poucas exceções, as várias expedições militares cristãs acabaram derrotadas.<sup>2</sup> Em consequência dessas derrotas e do contato cultural mais profundo que as cruzadas estabeleceram entre as civilizações árabe e europeia, proporcionando novos desafios culturais e intelectuais à fé cristã, a persuasão substituiu a força nas missões cristãs aos muçulmanos. Surge assim uma ênfase na defesa da fé diante do desafio islâmico e da evangelização dos povos árabes, o que, não raras vezes, terminou em martírio de cristãos, como no caso do leigo católico espanhol Raimundo Lúlio.

Na Renascença, em decorrência da queda de Constantinopla em 1453, que marca a derrocada do Império Bizantino, e da ameaça de invasão da Europa Central, o islã, agora representado pelo Império Otomano, também foi visto como o inimigo da fé cristã a ser derrotado — o que realmente aconteceu, milagrosamente — no cerco de Viena, em 1529, no cerco da Ilha de Malta, em 1565, e na Batalha de Lepanto, em 1571.<sup>3</sup> Por fim, as forças polonesas, austríacas e alemãs, unidas na Santa Liga, venceram o exército otomano na Batalha de Viena, em 1683. Essas derrotas marcaram o declínio do expansionismo islâmico no Mediterrâneo.

Mas as tensões voltaram à tona no século 20. Durante a Primeira Guerra Mundial, entre 1915 e 1917, o exército otomano assassinou cerca de 1,5 milhão de cristãos armênios, no que é considerado um dos primeiros genocídios modernos. Após o fim dessa guerra, o Império Otomano, derrotado junto com o Império Alemão, teve seus territórios divididos por Reino Unido e França, quando se criaram países como Síria, Iraque, Líbano e Jordânia, o que gerou tensões e conflitos que só se agravaram com o passar do tempo.

Um campo pouco explorado é a relação do nacional-socialismo com o islã durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>4</sup> Na primavera de 1943, o Mufti de Jerusalém,

<sup>2</sup>Sobre as cruzadas, cf. Christopher Tyerman, *Guerra de Deus: uma nova história das cruzadas* (Lisboa: Alêtheia, 2009); *Pequena história das cruzadas* (Lisboa: Tinta da China, 2008); Conor Kostick, *1099: a Primeira Cruzada e a dramática conquista de Jerusalém* (São Paulo: Rosari, 2010). Cf. também Jean Flori, *Guerra Santa: formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão* (Campinas: Unicamp, 2013), que afirma que o “Ocidente pouco se interessava pelos muçulmanos antes que eles chegassem à parte ocidental do Mediterrâneo”, ou seja, nas últimas décadas do século 7 (p. 243), e define “cruzada” como “uma guerra santa que tem por objetivo a libertação de Jerusalém” e que tinha por propósito central “a libertação do Sepulcro de Cristo em Jerusalém, lugar santo por excelência” (p. 360).

<sup>3</sup>Para a melhor obra sobre esse momento-chave da história europeia, cf. Roger Crowley, *Impérios do mar: a batalha final entre cristãos e muçulmanos pelo controle do Mediterrâneo 1521-1580* (São Paulo: Três Estrelas, 2014).

<sup>4</sup>Cf. especialmente Barry Rubin; Wolfgang G. Schwanitz, *Nazis, Islamists, and the making of the modern Middle East* (New Haven: Yale University Press, 2014). Nesse livro inovador, os autores descortinam de forma inédita a história completa da aliança entre o nacional-socialismo e o islã, bem como seu contínuo impacto na política árabe no século 21.

Mohammad Amin al-Husseini, que vivia como refugiado na Alemanha — e chegou a se encontrar com Adolf Hitler em 1941 —, ajudou no recrutamento de muçulmanos para as *Waffen-SS*. Em consequência, três divisões de montanha foram formadas, a 21.<sup>a</sup> *Skanderbeg*, a 13.<sup>a</sup> *Handschar* (1.<sup>a</sup> Croata) e a 23.<sup>a</sup> *Kama* (2.<sup>a</sup> Croata), compostas majoritariamente por muçulmanos albaneses e bósnios.<sup>5</sup> Ainda que somente a 13.<sup>a</sup> *Handschar* tenha sido realmente efetivada como unidade de combate, nela serviram entre 21 mil a 26 mil islâmicos, com cada batalhão tendo seu próprio Imame. Essa relação obscura carece de pesquisa mais detalhada, o que pode elucidar as influências que o islã político recebeu do totalitarismo nacional-socialista.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e a fundação do Estado de Israel em 1948, novamente o islamismo voltou à cena, muitas vezes se confundindo com interesses nacionalistas dos países do Oriente Médio. O resultado dessas reviravoltas na região foi uma interminável série de guerras e conflitos: guerras dos diversos países árabes contra Israel em 1948, 1956, 1967, 1973 e 1982; a fundação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) em 1964, que recrudescceu a tensão entre israelenses e palestinos; a Guerra Civil Libanesa, que durou de 1975 a 1990; a Guerra do Golfo, em 1991, que opôs o Iraque às forças de uma coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos, entre outros conflitos de menor intensidade.<sup>6</sup>

Nesse ínterim, ocorreram a Revolução Iraniana, em 1979, a qual transformou o Irã numa república islâmica teocrática, e a longa Guerra Afegã-Soviética, que durou de 1979 a 1989 e terminou com a derrota da União Soviética frente aos *mujahidins*, apoiados pelos Estados Unidos.

Então, em 11 de setembro de 2001, foram perpetrados os ataques contra os Estados Unidos pelo grupo terrorista muçulmano Al-Qaeda<sup>7</sup> — que tem suas origens nos *mujahidins* afegãos. Com o aval da ONU e o apoio da OTAN,

<sup>5</sup>Cf. John Keegan, *Waffen-SS: soldados da morte* (Rio de Janeiro: Renes, 1973) e “Waffen-SS foreign volunteers and conscripts”, disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Waffen-SS\\_foreign\\_volunteers\\_and\\_conscripts](https://en.wikipedia.org/wiki/Waffen-SS_foreign_volunteers_and_conscripts). Cerca de trinta mil muçulmanos albaneses e bósnios serviram nas *Waffen-SS*. Foram empregados especialmente em operações antiguerrilha na região dos Balcãs, em 1944, combatendo *partisans* iugoslavos, mas também entraram em combate contra forças soviéticas na Hungria, em 1945. Com o fim da guerra, 38 oficiais comissionados ou não da 13.<sup>a</sup> *Handschar* foram extraditados para a Iugoslávia para serem julgados e presos por crimes de guerra, cometidos inclusive contra civis judeus nas zonas ocupadas.

<sup>6</sup>Cf. “Acordo Sykes-Picot na origem do caos no Oriente Médio”, *Deutsche Welle*, disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/acordo-sykes-picot-na-origem-do-caos-no-orientem%C3%A9dio/a-19245092>.

<sup>7</sup>Também ocorreram ataques terroristas em 11 de março de 2004 em Madrid, na Espanha, e em 7 de julho de 2005 em Londres, no Reino Unido.

em 7 de outubro de 2001, as forças armadas dos Estados Unidos invadiram o Afeganistão, país comandado pelo grupo islâmico Talibã e acusado de abrigar os terroristas da Al-Qaeda.<sup>8</sup> Em 20 de março de 2003, sem a aprovação da ONU e contando com o apoio da Grã-Bretanha, as forças armadas dos Estados Unidos conquistaram o Iraque em fulminante campanha militar. Mas o fracasso em restabelecer a ordem lançou o país em uma selvagem insurgência liderada pela Al-Qaeda contra as tropas de ocupação, assim como em uma guerra civil entre iraquianos sunitas e xiitas.<sup>9</sup> Ao mesmo tempo, a “Guerra ao Terror” se transformou em uma campanha militar de alcance global, que suscitaram uma série de questionamentos éticos.<sup>10</sup>

Em 2011, os Estados Unidos, liderados por Barack Obama, e seus aliados europeus apoiaram ativamente a derrubada do ditador Muamar el Gadafi na Líbia e as revoluções no Egito e na Tunísia na chamada “Primavera Árabe”.<sup>11</sup> Sempre amparado por aliados europeus, Obama também resolveu derrubar o ditador sírio Bashar al-Assad, aliado da Rússia e do Irã, e com esse intuito auxiliou grupos rebeldes muçulmanos pró-ocidentais. Desse modo, o país foi assolado por uma violenta guerra civil. Ao mesmo tempo, Obama decidiu retirar todas as unidades militares dos Estados Unidos que estavam no Iraque pacificado — o que ocasionou o reinício da guerra civil. Em meio a esse vácuo de poder, em 2014 o Estado Islâmico, uma facção da Al-Qaeda, capturou importantes cidades na Síria e no

<sup>8</sup>Somente em 2 de maio de 2011 uma equipe de elite da Marinha dos Estados Unidos matou o líder da Al-Qaeda, Osama bin Laden, em Abbotabad, no Paquistão.

<sup>9</sup>Para uma história completa da campanha militar no Iraque, cf. Darron L. Wright, *Iraq full circle: from shock and awe to the last combat patrol in Baghdad and beyond* (Botley: Osprey: 2012).

<sup>10</sup>Duas áreas de debate: (1) Jean Lartéguy, em *Os centuriões* (Rio de Janeiro: Bibliex, 2012), retrata uma unidade francesa de paraquedistas em combate contra guerrilheiros comunistas na Indochina, em 1954, e terroristas muçulmanos na Argélia, em 1956. Esse livro clássico voltou a se tornar um *best-seller* com o início da “Guerra ao Terror”, especialmente durante a insurgência no Iraque. Desde então, tem sido frequentemente citado ou analisado em estudos do Exército dos Estados Unidos sobre contrainsurgência e contraterrorismo, e se tornou leitura preferida de operadores das Forças Especiais. É o primeiro romance a usar a “teoria do cenário da bomba-relógio” (*Ticking Time Bomb Scenario*), quando personagens do livro descobrem um plano da Frente de Libertação Nacional (FLN) para cometer ataques terroristas em Argel e precisam correr contra o relógio para impedi-los. A teoria ganhou nova relevância nos recentes debates sobre o uso da tortura em ações contraterroristas. (2) A disposição de cidadãos europeus e norte-americanos de aceitarem restrições a sua liberdade e privacidade para se sentirem mais seguros, como o *Patriot Act*, sancionado por George W. Bush em 2001 e estendido por Obama em 2011.

<sup>11</sup>Além de revoluções no Egito, Tunísia e Líbia, ocorreram grandes protestos na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã e Iémen, e protestos menores no Kuwait, Líbano, Maurítânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental. Para o caos na Líbia após a deposição de Gadafi, cf. Mitchell Zuckoff, *13 horas: os soldados secretos de Benghazi* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015).

Iraque e declarou a fundação de um califado no Oriente Médio. Os cristãos que vivem nas áreas do califado passaram a ter apenas três opções: converter-se ao islã, pagar um imposto religioso ou morrer.<sup>12</sup>

Quando tudo parecia levar à queda do ditador da Síria, em 2015 a Rússia entrou na guerra civil síria ajudando as tropas de al-Assad na luta contra os rebeldes e, junto com os aliados ocidentais, atacando o Estado Islâmico.<sup>13</sup> No Iraque, o Estado Islâmico vem sendo derrotado pelo exército iraquiano, pelos guerrilheiros curdos e pela força aérea dos Estados Unidos, França e Reino Unido, em violentos combates urbanos. Com isso, o Estado Islâmico parece ser empurrado de volta às suas origens, para continuar a *jihad* como um grupo terrorista. Na atualidade, a situação política no Norte da África e no Oriente Médio é complexa, marcada por instabilidade regional, declínio econômico e guerras sectárias entre muçulmanos, fenômeno que tem sido chamado de o “inverno islamista”.<sup>14</sup>

Todo esse desastre iniciado pela administração Obama recaiu sobre a União Europeia. Com guerras civis ocorrendo na Líbia, na Síria e no Iraque, começaram as ondas migratórias islâmicas que atingiram níveis críticos ao longo de 2015, quando cerca de 1.800.000 imigrantes chegaram à Europa.<sup>15</sup> E a demo-

<sup>12</sup>Em fevereiro de 2015, o Estado Islâmico ordenou a decapitação de vinte e um cristãos na província de Trípoli, na Líbia. Entre os mártires cristãos decapitados, vinte eram egípcios. Um dos mártires, Mathew Ayainga, era do Chade, e não era cristão até então. Mas ao ver a imensa fé dos outros, e quando os terroristas islâmicos perguntaram se ele rejeitaria Jesus, ele teria dito: “O Deus deles é o meu Deus” — e disse isso sabendo que seria morto.

<sup>13</sup>Alguns dos grupos rebeldes sírios são apoiados pelos Estados Unidos e europeus ocidentais, mas as forças leais a al-Assad, com apoio das forças armadas russas, estão obtendo grandes vitórias.

<sup>14</sup>Cf. James Phillips, “The Arab Spring Descends into Islamist Winter: Implications for U.S. Policy”, *The Heritage Foundation*, disponível em: <http://www.heritage.org/research/reports/2012/12/the-arab-spring-descends-into-islamist-winter-implications-for-us-policy>.

<sup>15</sup>A Alemanha recebeu talvez o maior contingente de imigrantes. Os números são estimados em cerca de oitocentos mil, e 80% são islâmicos. Cf. Soeren Kern, “The Islamization of Germany in 2015: ‘We are importing religious conflict’”, *Gatestone Institute*, disponível em: <https://www.gatestoneinstitute.org/7199/germany-islamization>. De acordo com o especialista em terrorismo Bruno Schirra, “pelo menos mil pessoas que vieram como refugiadas eram enviadas do Estado Islâmico para a Alemanha, onde o acesso era mais fácil, com o objetivo de preparar e realizar atentados em toda a Europa. [...] O Estado alemão fracassou na crise dos refugiados, deixando entrar centenas de terroristas, que em muitos casos não precisaram nem mostrar um passaporte falsificado”. Cf. “Alemanha fracassou na crise de refugiados, diz especialista em terror”, *Época Negócios*, disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2016/12/alemanha-fracassou-na-crise-de-refugiados-diz-especialista-em-terror.html>. Ainda que a situação do Brasil pareça um tanto quanto distinta da europeia nesse ponto, o país também recebeu imigrantes muçulmanos oriundos do Oriente Médio e África sob o governo esquerdista do Partido dos Trabalhadores. O Censo 2010 do IBGE fala em cerca de trinta mil praticantes do islã no país, mas a Federação

cracia da Turquia, construída pelo fundador da República e primeiro presidente Mustafa Kemal Atatürk está em franco declínio; tudo parece apontar para uma crescente islamização da sociedade turca, e o governo de Recep Tayyip Erdoğan tem dado sinais de que está se tornando cada vez mais ditatorial — ao mesmo tempo que combate o Estado Islâmico no norte da Síria.

Paralelamente, repetidos ataques terroristas cometidos por extremistas islâmicos ocorreram na França, Bélgica e Alemanha;<sup>16</sup> e o Reino Unido resolveu se desligar da União Europeia, enquanto os Estados Unidos deram uma guinada conservadora que pode levar a superpotência a assumir uma postura isolacionista em relação à Europa, África, Ásia e Oriente Médio — com exceção do tradicional aliado, Israel.<sup>17</sup>

Diante de todo esse complexo panorama político, cheio de implicações sociais e teológicas, a obra que o leitor tem em mãos é extremamente relevante. Por meio de capítulos curtos e objetivos, o que facilita a consulta rápida, Christine Schirmacher oferece uma profunda introdução ao islã, sua história e teologia, bem como de suas diversas ramificações no mundo árabe e europeu. Embora seja importante conhecer as dimensões política e social do islã, para entender

das Associações Muçulmanas do Brasil (Fambras) estima que o número total de fiéis tenha saltado de seiscentos mil em 2010 para algo entre oitocentos mil e 1,2 milhão em 2015. Cf. “Número de centros islâmicos sobe 20% em 2015 em São Paulo”, *BBC Brasil*, disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911\\_mesquitas\\_saopaulo\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911_mesquitas_saopaulo_cc). Em julho de 2016, às vésperas dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, onze brasileiros convertidos ao islã foram presos pela Polícia Federal sob a acusação de conspiração para realizar ataques terroristas no Brasil.

<sup>16</sup>Por exemplo, em 26 de julho de 2016, dois terroristas islâmicos invadiram uma igreja católica durante a missa matinal em Sainte-Etienne-du-Rouvray, perto de Rouen, na região da Normandia francesa. Fizeram cinco pessoas como reféns: dois fiéis, duas freiras e um padre. O padre foi degolado pelos assassinos muçulmanos, que logo depois foram mortos por agentes da Brigada de Investigação e Intervenção (BRI). Outros três reféns foram feridos. O padre martirizado tinha 86 anos, e seu nome era Jacques Hamel.

<sup>17</sup>Chocados com a saída do Reino Unido da União Europeia e com a eleição do republicano Donald Trump nos Estados Unidos em meio à humilhante derrota dos democratas, a quase totalidade dos jornalistas dos grandes meios de comunicação se demonstrou incapaz de interpretar os fatos de maneira objetiva. Na maior parte dos casos, seu entendimento foi cegado por um compromisso com os ideais da esquerda. Resultou disso uma onda de rotulações históricas dessas mudanças, associadas a um suposto avanço autoritário da “extrema-direita”. O viés ideológico dessa interpretação fica claro quando se considera que, quando são eleitos candidatos de esquerda, muitos desses mesmos jornalistas saúdam os resultados como expressão da “voz do povo”, de aclamação popular, da mais pura democracia. Porém, quando os eleitores votam em candidatos de direita, são rotulados como racistas, xenófobos, machistas, fascistas, nacionalistas e perdedores. Infelizmente, é comum entre os “formadores de opinião” esse comportamento repulsivo de só pensar em categorias políticas binárias, atitude que resulta frequentemente em mentiras e distorções que impedem o público de ficar devidamente informado sobre os fatos.

o islã como religião, é necessário ser um cristão com uma boa cosmovisão e saber a importância de compreendê-lo sem cair nas armadilhas secularistas e mesmo ecumênicas. Esta obra apresenta ênfases distintamente cristãs que fornecem categorias de análise melhores que as do secularismo. Lembra também quão importante é para a igreja cristã ter uma perspectiva radicalmente bíblica sobre o tema, e isso de um modo que abranja teologia, missões, cultura, história, política e todos os demais aspectos do problema, à medida que padecemos de uma falta de compreensão desse tema em virtude de ênfases secularistas que não condizem com a cosmovisão cristã.

A autora, que tem um doutorado em estudos islâmicos, é uma renomada estudiosa na área e atualmente leciona na Evangelisch-Theologische Fakultät (ETF), em Leuven, na Bélgica, e no departamento de estudos islâmicos da Universidade de Bonn, na Alemanha. Também ensinou sobre islamismo nas universidades alemãs de Erfurt e Tübingen. Regularmente faz palestras sobre o islã e questões de segurança em diferentes instituições governamentais na Alemanha. É professora na Academia de Relações Exteriores do Auswärtiges Amt (Ministério das Relações Exteriores) e consultora de diferentes órgãos consultivos, como o Comitê de Direitos Humanos do Bundestag (Parlamento Federal), em Berlim. Também é diretora do Instituto Internacional de Estudos Islâmicos (IIIS) da Aliança Evangélica Mundial (WEA). Seu esposo, Thomas Schirmacher, que tem doutorado em teologia pela Theological University of the Reformed Churches em Kampen, na Holanda, e em sociologia da religião pela Universidade de Bonn, na Alemanha, é o reitor do Martin Bucer Seminar, que tem uma extensão no Brasil, além de autor de muitas obras teológicas.

O que torna esta obra tão proeminente é que a autora resume as principais objeções teológicas que o Alcorão faz ao cristianismo, a partir de uma comparação detalhada dos textos fundantes da tradição cristã e da islâmica: a Escritura e o Alcorão. Temas centrais às duas crenças são tratados com profundidade, mas apresentados com simplicidade: uma comparação do Alcorão com a Bíblia; quem é Deus; a queda do homem e a redenção da humanidade; o significado do pecado; arrependimento e perdão; o significado da fé; a oração; Jesus Cristo, Filho de Deus ou profeta; a crucificação de Jesus; a Trindade; a vida depois da morte; apostasia. Christine também oferece boa comparação entre o islamismo sunita e xiita, assim como trata do martírio e da *jihad*.

Um ponto importantíssimo tratado pela autora é como os apologistas islâmicos se apropriaram da teologia liberal europeia do século 19 para atacar a fé cristã. E como, muitas vezes, missionários sem bom preparo teológico se viram

em dificuldades ao tentar evangelizar muçulmanos ou ao vindicar a fé cristã. Ela também trata de como, nos países islâmicos, a missão cristã é proibida em todo o seu território, assim como judeus e cristãos que vivem sob um governo islâmico são sempre vistos como cidadãos de segunda classe.

O drama das conversões de muçulmanos à fé cristã também é abordado nesta obra. Como a autora escreve, “quem pertence desde o nascimento à comunidade cristã desfruta [...] de liberdade religiosa [...]. O caso é diferente para um muçulmano que queira se tornar cristão — pois com isso ele abre mão de todos os seus direitos humanos, até mesmo do direito à vida, uma vez que a charia ordena a imposição da pena de morte ao apóstata. [...] Aos olhos dos muçulmanos mais conservadores essa pessoa enfraquece a estabilidade do Estado e da sociedade islâmicos, por agir de forma desleal em relação a um de seus pilares principais, a religião islâmica. Desse modo, essa pessoa, num certo sentido, comete um crime de caráter público”.

Esta obra é escrita de uma perspectiva firmemente cristã e reformada, ancorada em uma visão comprometida com a inspiração das Escrituras Sagradas e de um ponto de vista europeu, o que a torna altamente relevante e contemporânea. Será leitura essencial e obrigatória para todos os cristãos interessados em conhecer mais do islã, especialmente aos apologetas e evangelistas, aos missiólogos e missionários, aos pastores e teólogos.

FRANKLIN FERREIRA,  
presbítero na Igreja da Trindade;  
diretor geral e professor de  
Teologia Sistemática e História da Igreja no  
Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos, SP

# PRIMEIRA PARTE



# Islã: uma introdução

## Palavra de abertura

O islã se tornou atualmente um grande desafio para a igreja e a sociedade. Contudo, hoje esse tema não desperta interesse somente após os atentados de 11 de setembro de 2001. Desde 1961, houve muçulmanos que, na maioria dos casos, foram forçados a sair da Anatólia e imigrar para a Alemanha a fim de viver e trabalhar. Tanto do lado alemão quanto do lado turco, supunha-se que os imigrantes ficariam temporariamente, durante alguns anos apenas. A maior parte dos “trabalhadores convidados” planejava se juntar posteriormente a suas famílias na Turquia e voltar a se estabelecer economicamente no seu país.

Em 1973, a situação do mercado de trabalho alemão já era outra. O recrutamento de novos trabalhadores foi interrompido, mas a reunificação das famílias ainda era possível. Na época, as crianças que, em muitos casos, haviam sido levadas para a Alemanha já constituíam a segunda geração de muçulmanos a viver no país. Como a situação política na Turquia continuava incerta e a situação econômica era desoladora, muitos adiaram por tempo indeterminado o retorno que a princípio desejavam. Atualmente, os filhos dos filhos dos imigrantes, isto é, a terceira geração de imigrantes, vivem na Alemanha.

Em consequência de conflitos, como, por exemplo, a Guerra Irã-Iraque de 1980 a 1988 ou a Guerra dos Bálcãs, dos pedidos de asilo feitos por pessoas perseguidas por motivos religiosos ou políticos, dos refugiados por motivos econômicos, bem como da taxa de natalidade maior em comparação com a da população alemã, o número de muçulmanos na Alemanha em 2011 chegou a aproximadamente 3,2 milhões, incluindo-se aí cerca de oitocentos mil crianças e jovens. Além disso, existe a informação de que cerca de dez a doze mil alemães se converteram ao islã — as organizações muçulmanas apresentam, em parte, números mais elevados —, grupo cuja maior fatia é composta por mulheres que fizeram casamentos religiosos mistos. Acrescente-se ainda o fato de que cerca de 700 mil pessoas de origem turca obtiveram passaporte alemão.

Enquanto na França e na Inglaterra, em razão da história de cada um desses países no período colonial, um islã de feições árabes oriundo do norte da África ou de feições mais asiáticas domina a cena, cerca de 2,2 milhões de pessoas de origem turca imprimem sua marca típica sobre a comunidade muçulmana da Alemanha, embora mais de cem mil iranianos e centenas de milhares de árabes de vários países também vivam ali. Contudo, a comunidade islâmica originária

da Turquia também não é homogênea no que concerne à etnia ou à religião. Assim, por exemplo, uma expressiva minoria curda é considerada “turca” por causa do seu passaporte. O mesmo ocorre com os cerca de quatrocentos mil alevitas na Alemanha, os quais, embora tenham de fato passaporte turco, diferem consideravelmente em sua prática religiosa dos turcos sunitas.

O islã turco é influenciado fundamentalmente pelo laicismo. Kemal Atatürk, o “pai dos turcos”, secularizou a vida pública na Turquia e criou um islã controlado pelo Estado, ao fundar a República Turca em 1923-1924, após a queda do Império Otomano. Na Alemanha, o representante desse islã do Estado turco, mas não político, é a DİTİB, a “União Turco-Islâmica do Instituto para a Religião”, que envia a maioria dos imãs (aqueles que conduzem as orações nas mesquitas) para a Alemanha. Estes, porém, são geralmente substituídos em poucos anos e, muitas vezes, com seu conhecimento precário do alemão, ficam limitados em suas atividades quase que exclusivamente à comunidade turca.

Todavia, há também grupos politicamente ativos no universo do islã turco, entre eles o “Mili Görüş”, um grupo forte com trinta mil membros, classificado pela Bundesamt für Verfassungsschutz (Departamento Federal de Proteção à Constituição, a agência alemã de segurança interna) como grupo islâmico extremista. Em suas esferas de influência, os grupos islâmicos advogam a segregação da comunidade muçulmana. A competência linguística entre os filhos de imigrantes de terceira geração ainda é, em parte, bastante inadequada e a guetização da comunidade muçulmana em certas cidades tem crescido acentuadamente. Como nos últimos cinquenta anos houve uma falha no esforço de aproximação para reconhecer os muçulmanos como vizinhos e amigos — e, infelizmente, é o que se vê ainda hoje nas igrejas cristãs —, o retraimento da comunidade muçulmana e os ataques terroristas do passado recente reforçaram os temores e os sentimentos negativos de muita gente no Ocidente.

Além do DİTİB, há outras organizações muçulmanas: o “Conselho Central de Muçulmanos da Alemanha”, com cerca de doze mil a quinze mil membros, o “Conselho do Islã”, com possivelmente 150 mil membros, e a “Associação de Centros Culturais Islâmicos”, que, entretanto, se afastou em grande medida das atividades públicas. Contudo, de modo geral, é possível que somente cerca de 8% a 10% dos muçulmanos da Alemanha façam parte de algum tipo de organização. Esse fator torna extremamente difícil que o Estado alemão e as igrejas encontrem entre os muçulmanos alguém com quem dialogar que represente toda a comunidade.

O islã se tornou parte irreversível das sociedades europeia e alemã, embora esse fato não tenha sido levado em conta na Alemanha durante muito tempo. A maior parte dos muçulmanos da terceira geração continuará a viver na Alemanha e só conhecerá seu país de origem por meio das visitas que fará. Por esse motivo, é absolutamente imperativo encarar esse fato e as questões dele decorrentes; também é preciso enxergar o islã como religião e como força social segundo a compreensão que ele tem de si mesmo, para que possamos, assim, interagir com os muçulmanos em todos os níveis de um modo positivo, do ponto de vista humano, e de forma competente e objetiva. Não devemos deixar a cargo de alguns “especialistas” a discussão sobre valores religiosos e sociais, sobre a posição das mulheres, as áreas de influência concedidas às organizações muçulmanas ou a concepção islâmica do Estado, enquanto as decisões que dizem respeito à vida conjunta de todos nós, hoje e no futuro, são tiradas de nossas mãos e tomadas por outros.

## O que significa “islã”?

Cristãos e muçulmanos acreditam no “mesmo Deus”? Podemos simplesmente traduzir “Alá” por “Deus” e igualá-los? Essa pergunta é feita com frequência. Aqui, diversos níveis conceituais e de conteúdo facilmente se confundem.

Até mesmo uma leitura superficial do Alcorão mostra que a descrição de Alá ali apresentada é bem diferente da descrição do Deus do Antigo e do Novo Testamentos. Alá não é o Pai de Jesus Cristo e de seus demais filhos; ele continua oculto e não se revela. Ele não assume nenhum compromisso com respeito à salvação do ser humano e não salva com base exclusivamente na fé, e sim com base na fé e nas obras.

Ao mesmo tempo, sabemos pela história da igreja primitiva que os cristãos de língua árabe, antes mesmo do aparecimento de Maomé, no século 7 d.C., já usavam o termo árabe Alá para o Deus triúno e Pai de Jesus Cristo. Alá está relacionado ao “El” do Antigo Testamento. Ainda nos dias de hoje, a grande maioria dos cristãos de língua árabe — de antecedentes muçulmanos e também cristãos — usa o termo Alá para se referir a Deus. A situação é semelhante em outras culturas que usam um nome genérico para designar um criador e deus exaltado, cujo nome é então adorado pelos cristãos nativos que recorrem a elementos bíblicos para conferir ao termo um novo entendimento.

“Alá” significa “o deus” ou “a divindade” e, do ponto de vista de seu uso pré-islâmico, naturalmente não se relaciona em nada com o islã. Nos tempos pré-islâmicos, o termo “Alá” era usado, além do meio cristão, ao menos por algumas tribos árabes com o sentido de divindade suprema (29.61-65),<sup>1</sup> criador e senhor do mundo.

Maomé adota esse conceito de Deus. Ele assume, a princípio, que proclama uma mensagem em conformidade com aquela encontrada no Antigo e no Novo

<sup>1</sup>Aqui, e nas demais ocorrências, as informações dadas entre parênteses, salvo indicação em contrário, referem-se às passagens correspondentes no Alcorão (e seguem o padrão surata:versículo[s]). [As citações em português foram extraídas das traduções de Samir el-Hayek, do dr. Helmi Nasr e da edição em português patrocinada por Hazrat Mirza Tahir, conforme a adequação necessária à versão citada no original. (N. do T.)]

Testamentos. Contudo, ele preenche esse conceito de Deus com uma mensagem que, com o passar do tempo, se desvia cada vez mais dos textos bíblicos até que, no final de sua vida, ele está convencido de que um ser humano só pode ter acesso ao paraíso se for muçulmano. Até os dias de hoje, porém, não tem comprovação histórica a tese de que no islã “Alá”, na verdade, é o nome de uma divindade lunar cujo símbolo é uma meia-lua, conforme se vê nos minaretes de muitas mesquitas.

Os muçulmanos creem em Alá, seu criador e juiz, que deu vida a todos os seres humanos e os chamará no fim dos tempos a prestarem contas de sua fé e de seus atos. “Islã” significa “devoção” ou “submissão” a Alá e à sua vontade conforme revelada no Alcorão. Um “muçulmano”, portanto, é alguém que se submete a Deus, reconhece seu senhorio e deseja viver de acordo com sua vontade e seus mandamentos. O termo “maometano”, por sua vez, é considerado depreciativo e deve ser visto como coisa do passado: os muçulmanos não acreditam em Maomé (ou, no original árabe, Muhammad). Maomé, evidentemente, é tido como portador da mensagem divina, mas não reivindica para si mesmo uma condição superior à de um ser humano, mesmo que a tradição posterior relate numerosos milagres realizados por ele.

Quando os muçulmanos enfatizam atualmente que o islã é a religião da paz e que “islã” significa “paz” (*salam*, em árabe) ou “fazer as pazes com Deus”, deve-se responder que não é possível demonstrar que a paz, *salam*, deriva diretamente de “islã”. O que temos aqui, em vez disso, é sobretudo um pressuposto ideológico segundo o qual uma sociedade islâmica unificada, sob a vigência da *charia* (lei islâmica), será uma sociedade de paz.

Em geral, o nível de secularização nos países eminentemente islâmicos, bem como no âmbito da comunidade muçulmana no Ocidente, é substancialmente menor do que na esfera cristã. O islã até hoje não passou por um Iluminismo no mesmo sentido que o Ocidente atribui a esse conceito. A crítica religiosa existe, no máximo, na esfera particular e, de fato, às vezes é perigosa mesmo aí, conforme mostram os inúmeros ataques a autores e intelectuais muçulmanos em anos passados. As vozes muçulmanas de crítica ao islã procedem, na maior parte, de exilados no Ocidente, mas jamais dos púlpitos das mesquitas árabes, de universidades nem dentre comitês teológicos. Individualmente falando, intelectuais e teólogos por certo até exigem uma reinterpretação crítica do islã e de suas fontes. Contudo, até o presente momento não se percebe nenhuma abertura da teologia oficial ou de autoridades doutrinárias influentes que possa dar margem à esperança de uma célere reinterpretação do Alcorão e da história do islã.

Onde quer que os muçulmanos pratiquem sua fé, essa fé não é uma atividade limitada à sexta-feira ou a uns poucos feriados anuais, mas antes, com seus inúmeros mandamentos e prescrições, é algo que dá forma não só ao cotidiano, mas também à vida como um todo, do nascimento à morte. O pai sussurra ao ouvido do recém-nascido a confissão de fé islâmica. Em seguida, a criança recebe um nome, comumente escolhido com base na história islâmica. As festas e as solenidades anuais, as regras alimentares (a proibição do álcool e da carne de porco), a comunicação das convenções sociais fundamentadas no islã para homens e mulheres, as regras de vestuário, a instrução dada na oração diária e o jejum anual a partir dos sete anos de idade, aproximadamente, são coisas que atrelam os fiéis à sua religião. A vida do ser humano termina com a confissão de fé islâmica e com a ablução (lavagem) e o sepultamento rituais do corpo de acordo com os preceitos islâmicos, com os quais se expressa a esperança de que Deus aceite graciosamente o falecido.

O islã, portanto, não é apenas um sistema doutrinário teológico, mas um sistema que também reivindica inteiramente para si o leigo sem instrução teológica. O islã é um ordenamento de vida para a família e a sociedade. Ele prescreve normas de vestimenta e também regras alimentares, assim como impõe leis que regulam o casamento e a herança. Regras precisas devem ser observadas nas orações, no jejum e na peregrinação a Meca. Esses preceitos não são deixados a critério do indivíduo. Eles têm status de lei religiosa cujo descumprimento invalida perante Deus a ação a que correspondem (como a oração, por exemplo).

O princípio fundamental do ensinamento corânico de que existe apenas um Deus, grande e inescrutável, não é de modo algum um conhecimento apenas teórico nas famílias e nos países muçulmanos. Pelo contrário, trata-se de um componente da vida cotidiana, ainda que a religião seja praticada em diferentes graus de intensidade. Antes da oração ritual recitada cinco vezes por dia, aquele que convoca à oração (o muezim) anuncia em voz alta, do minarete da mesquita: *Allahu akbar* ("Deus é Grande" ou "Deus é o Maior"). A pessoa que está orando integra esse chamado em sua oração, bem como a confissão *la illaha illa-llah* ("não há outro Deus senão Alá"). A expressão frequentemente recitada *insha-allah* ("se Deus assim o desejar") também deixa claro que Deus e sua onipotência devem estar presentes em toda reflexão humana. Também frequente é a fórmula *bi-smi llah ar-rahman ar-rahim* ("em nome de Deus, o mais gracioso, o mais misericordioso"), que antecede todas as suratas — com exceção da surata 9 — e que, abreviada na expressão *bismillah*, é recitada antes de vários tipos de atividades.